

## **EDUCAÇÃO EM SEXUALIDADE NO BRASIL: UM TOUR HISTÓRICO E SEUS IMPORTANTES DESDOBRAMENTOS PARA A FORMAÇÃO DO EDUCADOR E DO DESENVOLVIMENTO DA ÁREA NA EDUCAÇÃO ESCOLAR**

### ***EDUCACIÓN EN SEXUALIDAD EN BRASIL: UN TOUR HISTÓRICO Y SUS IMPORTANTES DESDOBLAMIENTOS PARA LA FORMACIÓN DEL EDUCADOR Y DEL DESARROLLO EN EL ÁREA DE LA EDUCACIÓN ESCOLAR***

### ***EDUCATION IN SEXUALITY IN BRAZIL: A HISTORICAL TOUR AND ITS IMPORTANT UNFOLDINGS FOR THE FORMATION OF THE EDUCATOR AND THE DEVELOPMENT OF THE AREA IN SCHOOL EDUCATION***

Diego Azevedo GODOY<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo trata-se de um breve levantamento histórico sobre o desenvolvimento e a formação da área de estudo relacionada a sexualidade e educação sexual, hoje mais pronunciada educação em sexualidade no Brasil. A partir de um levantamento de literaturas feitas em uma disciplina na pós-graduação em Educação Escolar, na qual escrevo minha tese. A intenção é retratar e descrever um pouco da história da Sexualidade na Educação, que se desenvolveu através de pesquisas que deram vozes a temas que até então não eram muito bem vistos nas academias científicas, e até hoje sofrem com preconceitos ideológicos de certos aparatos institucionais que talvez não consideram a área de educação e sexualidade importante. Diante disto faço deste texto um documento que mostre como este tema não pode ser confundido com política, mas sim fundamentado através de pesquisas e trabalhos acadêmicos sérios, com respeito e legitimidade no desenvolvimento do conhecimento científico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação em sexualidade. Educação escolar. História.

**RESUMEN:** *Este artículo se refiere a un breve levantamiento histórico sobre el desarrollo y la formación en el área de estudio relacionado con la sexualidad y la educación sexual, hoy más pronunciada educación en sexualidad en Brasil. A partir de un levantamiento de literaturas hecho en una disciplina en la pós graduación en Educación Escolar, en el cual escribí mi tesis. La intención es retratar y describir un poco de la historia de la Sexualidad en la Educación que se ha desarrollado a través de investigación que dieron voces a la temas que hasta entonces no eran muy bien vistos en las academias científicas, y hasta hoy sufren prejuicios ideológicos de ciertos aparatos institucionales que tal vez no consideren importan la área de la educación en sexualidad. Delante de esto hago esto texto un documento que demuestre cómo este tema no puede ser confundido con la política, pero si fundamentado a*

<sup>1</sup> Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Araraquara – SP – Brasil. Doutorando em Educação Escolar. Trabalha com atendimento clínico. Estuda as áreas de Educação Musical e Musicoterapia, Organizacional, Hospitalar e Clínica, sendo esta última a categoria em que também exerce profissionalmente. Mestre no ano de (2015) em Psicologia Social pela PUC-SP, junto ao núcleo de estudos e pesquisas sobre Identidade-metamorfose (NEPIM) com o Professor Dr. Antônio da Costa Ciampa. Foi professor de Psicologia da Faculdade de Americana nos anos de 2015/2016. ORCID: <<https://orcid.org/0000-0002-5648-7028>>. E-mail: [diegogodoy@hotmail.com.br](mailto:diegogodoy@hotmail.com.br)

*través de investigaciones y trabajos académicos estricto, con respeto y legitimidad en el desarrollo del conocimiento científico.*

**PALABRAS CLAVE:** *Educación em sexualidade. Educação escolar. Historia.*

**ABSTRACT:** *This article it's a historical brief about the development and the study area formation related to Sexuality and Sexuality Education, today more pronounced Education in Sexuality in Brazil. from a literature survey made in a discipline in graduate school in which writing my thesis. The intension is to portray and describe a bit of history of the Sexuality in Education that has developed through research who gave voice to issues that until then they were not very well seen in scientific academies, and and to this day they suffer from prejudices of certain institutional apparatuses who may not consider the area of Education and Sexuality important. So I make this text a document that shows how this theme can not be confused with politics, but it is based on research and serious academic work, with respect and legitimacy in the development of scientific knowledge.*

**KEYWORDS:** *Sexuality education. Escolar education. History.*

## **Introdução**

Para começarmos a falar de educação sexual precisamos nos reportar a história da educação sexual, que foi se construindo desde os tempos mais antigos de nossa cultura Brasileira. Através da pesquisa histórica é possível a compreensão do que é a educação sexual e a cultura sexual para nossa sociedade contemporânea.

Se considerarmos que a **educação sexual** abrange toda educação recebida pelo indivíduo desde o nascimento referente à aquisição de concepções, valores e normas sexuais, inicialmente na família, posteriormente na comunidade, com seu grupo social e religioso; e que esta educação sexual é contínua, indiscriminada e decorrente dos processos culturais, influenciando a manifestação de comportamentos e atitudes sexuais, podemos dizer que desde a Colônia havia uma educação sexual no Brasil... .. De lá até nossos dias temos quinhentos anos de história, mas a história da educação sexual carece de estudos que resgatem sua especificidade, abrangência e importância. (RIBEIRO; BEDIN, 2013, p. 155)

O caminho para compreendermos questões como, machismo, a culpa envolvida na sexualidade ou até mesmo os tabus, tem muito a ver com a relação que ocorre entre as misturas de culturas, formas de dominação e também de consentimento nas interações que estavam sendo descobertas entre povos muito diferentes, na época do ‘descobrimento do Brasil.’, e ao decorrer dos séculos.

A primeira mistura de culturas sexuais claro, é a dos Portugueses com os índios. Nada mais natural do que a reação espantosa dos Portugueses até então eurocêntricos, ao encontrar um mundo desconhecido com jovens nuas, com todo o corpo descoberto e proposições de formas e estéticas desconhecidas, em um lugar onde toda ordem ideológica e hegemônica dos preceitos da igreja não existia a priori, e sim estava sendo implantada.

Temos, então, na Colônia, duas posições antagônicas em relação às práticas sexuais, uma relacionada à posição dos primeiros povoadores e outra a que os jesuítas queriam impor. O português recém-chegado seguia a natureza para a liberação do desejo: se havia mulheres disponíveis, porque não fazer sexo? O colono encontrava-se no Paraíso, no meio de índias que se apresentavam tais como Eva em sua inocência e deixava que a florasse o desejo para que fosse saciado com tantos corpos quanto se apresentassem... ...A cultura sexual indígena, livre da culpa cristã e permitindo a liberação da energia sexual do branco, pode ser considerada a primeira condição para o favorecimento das práticas sexuais na Colônia. (RIBEIRO; BEDIN, 2013, p. 158)

Seguindo o raciocínio,

Há, portanto, já na Colônia, um conhecimento sexual popular, aquele conhecimento que homens, mulheres, jovens, famílias tinham acerca de questões envolvendo atitudes e comportamentos sexuais em sua vida cotidiana, derivado de sua própria observação e experiência e da interpretação que faziam do saber religioso. As práticas e atitudes sexuais de então atendiam mais as necessidades dos habitantes do que a ordem pregada pela Igreja. (RIBEIRO; BEDIN, 2013, p. 156)

A relação da construção de uma cultura sexual Brasileira é completamente advinda de uma miscigenação ampla e muito abrangente em termos de heranças culturais. Temos principalmente além da questão das relações cultural dos Portugueses e dos Índios, também a questão das relações culturais dos Escravos Africanos.

Terminado o período pré-colonizador, a agro-manufatura do açúcar e os engenhos deram um novo contorno à sociedade brasileira em formação, exigindo a vinda de mais colonos portugueses e de numerosos escravos africanos, ao mesmo tempo em que escasseavam os nativos do litoral. A população do Brasil aumentava e o objeto sexual do branco foi ampliado, sendo que negros e negras seriam submetidos aos desejos de seu senhor... ...E a educação sexual, passada informal e naturalmente, sem ninguém pensar que fosse de fato uma educação sexual, de livre que era, ia muito lentamente absorvendo o sentido de pecado que lhe atribui a Igreja Católica. (RIBEIRO; BEDIN, 2013, p. 158)

Assim,

É preciso atentar, porém, para as diferentes formas de liberdade sexual existentes. Para a elite dominante da sociedade colonial agro-açucareira, a tendência pró-sexual era unilateral. O senhor de engenho, dono da terra, dos

escravos, da mulher, das filhas, dos filhos, dos empregados, ocupava o topo de uma hierarquia em que somente os homens tinham voz e razão. As mulheres, brancas ou negras, eram submissas e a elas era negado qualquer direito. As primeiras seriam mães de seus herdeiros, estas últimas, objeto de desejo. (RIBEIRO; BEDIN, 2013, p. 159)

Nossa sociedade moderna que se concretiza como uma sociedade machista e patriarcal, não surgiu de repente e do nada, a importância de trazer a história à tona, é para que haja compreensão dos problemas sócio educacionais, para que haja um interesse pelas diversas formas de estudos de fenômenos sociais, visando a compreensão de como era, e como é, a relação da sociedade com o sexo, por exemplo: como os papéis sociais se constroem e se mantem de acordo com um modelo.

Voltando às mulheres, elas se casavam cedo, em torno de 12 anos, eram economicamente dependentes, mas administravam a casa e eram responsáveis pelo que as escravas produziam, como roupas, geléias, licores, sabão e outros produtos domésticos. (RIBEIRO; BEDIN, 2013, p. 159)

A sociedade contemporânea que se relaciona com o sexo de forma repressora, omissa, e reprodutora de modelos alienados, não possui uma consciência sexual humana, pelo contrário, e isto deve-se sim ao fato desta mistura de culturas sexuais não ser estudada e explorada ao longo dos anos. Assim como todos os pontos principais de uma discussão importante para educação sexual como: o machismo, os tabus, a culpa, a sexualidade como uma parte importante na vida do ser humano e conseqüentemente da identidade, culminam em um assunto que acaba de certa forma omitido e negligenciado, se tornando grande a falta de trabalhos e espaços sociais que relacionam este tema.

Durante os séculos XVI e XVII, a sexualidade no Brasil manifestava-se de forma ambivalente. De um lado, a ótica masculina de liberdade para si e contenção para a mulher – a sua mulher, já que a mulher dos outros poderia ser sempre objeto de sua conquista. De outro, sob a ótica da mulher, três situações distintas: a branca, ainda em pequeno número, pronta para correr riscos para não deixar murchar seu desejo sexual pulsante e transgressor; a índia, sexualmente livre e pronta para amar incontestemente o admirado branco; e a negra, oprimida e escrava, porém igualmente erótica e sensual. A Colônia dos séculos XVI e XVII era altamente erótica e nela as práticas sexuais se manifestavam das mais variadas formas, não obstante as diferenças de etnia e cultura que aqui encontramos. (RIBEIRO; BEDIN, 2013, p. 161)

Por isso que:

Estudar as formas com que se lidava e como se concebia atitudes e comportamentos sexuais é essencial, portanto, para se entender a constituição do conhecimento sexual no Brasil, a institucionalização do saber médico e educacional para questões sexuais e a difusão de idéias que influenciaram conceitos, comportamentos e atitudes por gerações. Em seu cotidiano o

indivíduo vai alicerçando o seu *modus vivendi* (que inclui concepções, atitudes e práticas sexuais) a partir da educação recebida desde o nascimento. Parker (1991) fala em uma cultura sexual brasileira cheia de contradições, fundamentada historicamente em uma ordem social patriarcal e dominada pela Igreja Católica, em que permissividade e proibição, práticas sexuais e culpa fazem parte do contexto sexual brasileiro desde a Colônia. (RIBEIRO; BEDIN, 2013, p. 156)

A importância de se colocar a discussão da educação sexual em função de trabalhos na área da saúde e da educação não poderia perder a noção histórica, onde somos resultados de um percurso, um caminho, e devemos entendê-lo para sim, compreenderemos os momentos que o sucedem.

A Educação Sexual tem uma história que, no Brasil, reconhece sua institucionalização a partir das primeiras décadas do século XX (Ribeiro, 2009) e tem em José de Albuquerque o seu pioneiro mais expoente que, em 1934, já publicava seu livro *Educação Sexual*. Para compreendermos este processo de institucionalização é importante fazermos um *passeio* até a Colônia e estudarmos a constituição da cultura sexual brasileira... (RIBEIRO; BEDIN, 2013, p. 154)

Hoje como um novo saber e uma nova área de conhecimento, de todos os lados lançaram-se interesse sobre o tema em várias dimensões e âmbitos de estudo.

Questões ligadas à sexualidade e que contribuíram para a constituição de um conhecimento sexual no Brasil têm sido objeto de estudo e pesquisa das ciências humanas em geral, particularmente da educação, da antropologia, da psicologia e seus afins, da sociologia, da história e das ciências médicas. (RIBEIRO; BEDIN, 2013, p. 155)

Porém é no âmbito médico-educacional que as discussões se afloram.

A institucionalização do conhecimento sexual no Brasil ocorreu a partir do final do século XIX e principalmente nas primeiras décadas do século XX, quando médicos e, posteriormente educadores, elaboraram, desenvolveram ou se apropriaram de teorias e ideias que foram consideradas científicas e capazes de dar sustentação àquelas instituições que necessitavam de um discurso oficial para atingir seus objetivos de fazer ciência, propor ações educacionais ou práticas pedagógicas e resolver problemas de saúde pública, em alguns casos para justificar ideologias e exercer o poder. É a partir deste período que questões ligadas à sexualidade começaram a ter lugar importante no discurso médico-educacional. (RIBEIRO; BEDIN, 2013, p. 155)

A história da sexualidade é cheia de “altos e baixos” em termos de repressão e liberação, muitos momentos de contenção e de liberdade sexual marcam nossa cultura.

A tese de Regina Célia Bedin que retrata a construção dos estudos em sexualidade chamada: “A história do Núcleo de Estudos de Sexualidade e sua participação na trajetória do

conhecimento sexual na UNESP”. (Tese de Doutorado em Educação Escolar), defendida em 2016, é um trabalho muito significativo para área da educação sexual.

Pensamos que podemos estabelecer o século XIX como o período em que o sexo se tornou oficialmente objeto de estudo institucionalizado no Brasil. É na Medicina que o discurso sexual encontra sua primeira acolhida e é dos médicos que surgem os primeiros enunciados sexuais, ainda que voltados para uma nosologia das perversões, desvios e condutas patológicas. É da Medicina que surge a Sexologia, que nas primeiras décadas do século XX vai produzir vasta gama de obras sobre educação sexual e atrai, além de médicos, também educadores e psicólogos, que vão fazer parte do grupo pioneiro responsável pela institucionalização e difusão dos saberes sexuais no país (Corrêa, 1999), nesta pesquisa nomeados como pertencentes à primeira fase de institucionalização do conhecimento sexual no Brasil. (BEDIN, 2016. p. 22)

A autora faz um amplo estudo sobre o início da formalização e do conhecimento da educação sexual, faz uma pesquisa que retrata todo o processo de institucionalização do saber e do surgimento da área da educação sexual, ao longo do século.

Nos anos 1960, portanto, podemos considerar que já existe uma mentalidade favorável à educação sexual emergido no período entre guerras e forjado pelos pioneiros sexólogos, que possibilitou as primeiras experiências efetivas de educação sexual nas escolas brasileiras. São mencionadas as seguintes escolas: Colégios Pedro de Alcântara, André Maurois, Infante Dom Henrique e Orlando Rouças, no Rio de Janeiro; o Colégio de Aplicação Fidelino Figueiredo, os Ginásios Vocacionais e o Ginásio Estadual Pluricurricular e Experimental, em São Paulo; o Grupo Escolar Barão do Rio Branco, em Belo Horizonte (Ribeiro, 1990; Guimarães, 1995; Sayão, 1997; Ribeiro, 2004; Figueiró, 2006; Maio, 2013). (BEDIN, 2016. p. 31)

Continuando a falar dos estudos avançando as décadas chamadas anos de chumbo,

Os estudos de Carrara; Russo (2002), Reis; Ribeiro (2004), Ribeiro (2004) e Ribeiro (2009) nos forneceram os elementos necessários para a compreendermos a sistematização do conhecimento sexual nas primeiras décadas do século XX, enquanto que Russo; Rohden (2011) traçaram um panorama da Sexualidade como ciência e profissão no Brasil, no que destacamos o período pós 1970, que ainda não havia sido objeto de um estudo sistematizado. Figueiró (1995) analisou a produção em educação sexual do período de 1980-1993 e Maio (2013), a partir de entrevistas realizadas com professores que atuaram com educação sexual nos anos 1960, traçou um panorama de como o início dos “anos de chumbo” marcou e determinou os rumos da educação sexual no país, afastando-a da escola e atrasando inexoravelmente sua implantação. (BEDIN, 2016, p. 22)

Sem dúvida o momento que mais nos interessa para toda a análise desse percurso histórico é a influência que os anos 60 tem com o Golpe e a Ditadura Militar no Brasil, e suas contradições entre repressão e liberação da sexualidade, até a dissolução do regime.

Há, infelizmente, um retrocesso nesta caminhada exitosa em decorrência do Golpe de Estado de 1964, cujo governo, quatro anos depois, baixou o Ato Institucional nº 5, que suspendeu várias garantias constitucionais, inclusive fechando o Congresso Nacional por quase um ano. A educação sexual não é bem vista pela moral conservadora vigente: (BEDIN, 2016, p. 31)

Há uma espécie de contra informação pelos detentores do poder Sócio-Político, que faz uma manipulação de aspectos políticos e ideológicos, censurando conteúdo de educação sexual, sendo estes conteúdos submergidos e escondidos, mas as vezes representados em formas de expressão social de massa pelo consumo alienado.

É preciso frisar, entretanto, que não há uma dicotomia simples e direta entre esquerda x direita, uma polarização em que liberdades de atitudes e comportamentos sexuais fossem típicos da esquerda e o conservadorismo e a repressão sexual fossem características da direita. Queremos dizer que, paralelamente à contenção da educação sexual na escola, também tivemos a liberação dos filmes eróticos (a pornochanchada) com muita nudez. Percebemos também que comportamentos e atitudes voltados para uma busca de prazeres momentâneos com certa dose de erotismo constituíam a base da libertação da juventude, particularmente a juventude da classe média, boa parte alheia aos acontecimentos políticos do país. (BEDIN, 2016, p. 32)

Nesta época estratégica, houve uma certa manipulação dos conceitos e saberes da sexualidade, mas a ciência continuou a resistir e progredir através de pesquisas

Por outro lado, o afastamento da educação sexual da escola direcionou os estudos sobre sexualidade para um espaço educacional que, mesmo sob o regime militar, conseguiu manter certo grau de autonomia que foi aumentando na medida em que a ditadura ia abrando: a universidade. Nos anos 1980 várias dissertações e teses são produzidas em conceituadas universidades (Figueiró, 1995; Figueiró, 2001; Figueiró, 2006) e a partir de então são criados vários grupos de investigação que passam a aglutinar estudos e pesquisas sobre sexualidade e educação sexual (BEDIN, 2016, p. 22)

Consequentemente ao final da ditadura e começo dos anos da década de 1980, acontece a criação de coletivos científicos, congressos, núcleos de estudo e grupos de pesquisas universitários.

É neste contexto que é gestado e vemos ressurgir o processo de institucionalização do conhecimento sexual no Brasil, que deu lugar a uma segunda fase iniciada nos anos 1980, consolidada ao longo dos anos subsequentes a partir da realização de congressos, criação de sociedades científicas e o surgimento de grupos de pesquisa em universidades (Bedin, 2010 e Russo; Rohden, 2011 realizaram pesquisas sobre este período). (BEDIN, 2016, p. 34)

A autora cita que no começo dos anos de 1980 a Associação Brasileira de educação Sexual é criada pelo ginecologista Haruo Okawara, a psiquiatra Gilda Fucs, o pediatra Leon

Francisco Lobo e a socióloga Maria Helena Matarazzo, sendo esta última muito presente na difusão do tema, em programas de televisão e livros publicados.

Na mesma década de 1980, o CESEX (Centro de Sexologia de Brasília) é criado e fundado formalmente, porém considerado em funcionamento desde 1972, carrega a posição de uma das, se não, a mais antiga instituição de formação na área da sexualidade no país. E em 1986 a SBRASH (Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana, em São Paulo) é criada.

Logo em 1987, “é criado em São Paulo o GTPOS – Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual, que tem Marta Suplicy como um dos fundadores.” (BEDIN, R. C. 2016. p. 36) tendo a importância de realizar a “implantação da Orientação Sexual na rede oficial de ensino do município de São Paulo de 1989 a 1992, e de 2003 a 2004, e atuou junto a escolas das redes municipais de várias cidades brasileiras.” (BEDIN, R. C. 2016. p. 38) e também com a “participação ativa na construção do Caderno de Orientação Sexual dos Parâmetros Curriculares Nacionais” (BEDIN, 2016, p. 38).

Desde os anos 1980, assinalamos ainda a criação das seguintes instituições voltadas para a formação ou assistência em sexualidade: o Instituto H. Ellis, de 1984, em São Paulo; o Instituto Kaplan, de 1991, em São Paulo; o CEDES – Centro de Orientação e Desenvolvimento da Sexualidade, em São Caetano do Sul, fundado por Celso Marzano em 1995; o InPaSex – Instituto Paulista de Sexualidade, fundado por Oswaldo Martins Rodrigues Junior e Carla Zéglcio, em São Paulo, em 1996; o CORES – Centro de Orientação e Educação Sexual, criado em 2000, no Rio de Janeiro, por Marcos Ribeiro (RUSSO; ROHDEN, 2011). (apud BEDIN, 2016, p. 38)

É também dos anos 1980 a criação dos mais antigos grupos de pesquisa em universidade, o CAESOS – Centro Avançado de Educação para a Saúde e Orientação Sexual - Educação Preventiva em Sexualidade, DST, AIDS, Drogas e Violência, criado em 1985, na USP de Ribeirão Preto, pela professora Sonia Maria Vilela Bueno, e o Sexualidade & Vida, de 1990, também criado na USP (Campus de Ribeirão Preto), pela professora Maria Alves de Toledo Bruns (BEDIN, 2010). (apud BEDIN, 2016, p. 38)

A pesquisa é completa em termos históricos, ela traça um panorama dos principais grupos de estudo/instituições e suas respectivas datas de criação. De extrema relevância para mapearmos os coletivos de estudos da educação sexual.

Os demais grupos de pesquisa foram criados já nos anos 1990. Russo; Rhoden (2011) apontam o NES – Núcleo de Estudos da Sexualidade, da UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina como o mais antigo dos criados nessa década, em 1991, seguido pelo GEISH – Grupo de Estudos Interdisciplinares em Sexualidade Humana, da UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas e o NIES – Núcleo Integrado de Educação Sexual, da Universidade Estadual de Feira de Santana, na Bahia, ambos criados em 1992. (BEDIN, 2016, p. 39)

Bedin (2010) estudou sobre a formação de seis grupos da UNESP (*campi* de Araraquara, Assis, Bauru, Marília, Presidente Prudente e Rio Claro) e seis grupos externos a UNESP, estes últimos provenientes da Universidade Estadual de Londrina (UEL), Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Universidade Estadual de Maringá (UEM) e Universidade de São Paulo (USP). (BEDIN, 2016, p. 39)

Em relação as nossas referências, é importante destacar os núcleos de estudo que se fundamentaram na luta acadêmica e são responsáveis por muitas pesquisas na área da educação sexual, destacando o grupo do qual fazemos parte, GESEX sob a orientação e direção da Doutora Celia Regina Rossi, com uma relação muito próxima do núcleo NUSEX.

Da década de 1990 são apenas o GPESS – Grupo de Pesquisa e Estudos sobre Sexualidades, da UNESP (Campus de Marília), de 1997, criado por Hugues Costa de França Ribeiro e o NUSEX – Núcleo de Estudos da Sexualidade, também da UNESP (campus de Araraquara, criado em 2000 por Paulo Rennes Marçal Ribeiro. Os demais grupos foram criados na década subsequente: O GEPS – Grupo de Estudos e Pesquisas sobre as Sexualidades, da UNESP (Campus de Assis), por Fernando Silva Teixeira Filho, em 2001, mesmo ano em que também foram criados o GESEX – Grupo de Extensão e Pesquisa sobre Sexualidades, da UNESP de Rio Claro, por Celia Regina Rossi, e o GESE – Grupo de Pesquisa “Sexualidade e Escola”, da Universidade Federal de Rio Grande (FURG), criado por Paula Regina Costa Ribeiro. O NUDISE – Núcleo de Diversidade e Educação é de 2003 e foi criado por Arilda Inês Miranda Ribeiro, na UNESP de Presidente Prudente. O EDUSEX – Grupo de Estudos em Formação de Educadores e Educação Sexual, foi criado em 2004 por Sonia Maria Martins de Melo, da UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina. O CIPESS – Círculo de Pesquisa em Educação Sexual e Sexualidade, foi criado por Mary Neide Damico Figueiró na Universidade Estadual de Londrina – UEL, em 2005, e o GEPESEC – Grupo de Estudos e Pesquisa “Sexualidade, Educação e Cultura”, de 2006, foi criado por Ana Cláudia Bortolozzi Maia na UNESP de Bauru. E, mais recentemente, temos o NUDISEX – Núcleo de Estudos sobre Diversidade e Sexualidade, criado em 2009 na Universidade Estadual de Maringá – UEM, por Eliane Rose Maio (BEDIN, 2010). (apud BEDIN, 2016, p. 40)

Os núcleos NUSEX e GESEX são núcleos que se relacionam diretamente, as pesquisas se objetivam de uma forma geral em estudar temas como: a formação do conhecimento sexual, a institucionalização do saber da medicina e da pedagogia sobre o a dimensão da sexualidade no país, a história da educação sexual, o desenvolvimento do saber popular e científico da sexualidade, investigações sobre as culturas sexuais principalmente a brasileira, investigações sobre comportamentos e desenvolvimentos humanos sobre a sexualidade, os desdobramentos de questões como os preconceitos, as diferenças, tabus, emancipações, a educação sexual escolar e todas as relações que circundam a área da sexualidade como um todo.

Os estudos surgem pra tentarmos compreender e melhorar nossa relação com esta área de nossa vida humana, o sexo e a sexualidade.

Os “baixos” da história da sexualidade devem ser enunciados pois a parte negativa de nossa experiência, também proporciona para que as transformações aconteçam de maneira a visar melhoras, através da emancipação e da abertura de consciência. O âmbito da educação sexual na escola deve ser repensado, e os paradigmas quebrados em relação a nossa história sexual, as transformações devem ocorrer diante de uma história sofrida em experiências.

O que consideramos como mais importante deste período histórico é que o fértil campo intelectual e escolar cultivado a partir das primeiras décadas do século XX, e que já estava colhendo os frutos da educação sexual, foi suprimido e, sem exagero, acabou por deixar um vácuo intelectual cujo preço pagamos até hoje: ainda não temos educação sexual na escola e uma sociedade conservadora e preconceituosa se manifesta nos espaços escolares, familiares e sociais. (BEDIN, 2016, p. 32)

Para isto ao pensar um futuro que seja emancipador, devemos atuar no presente, e agindo através da implantação e o desenvolvimento de um programa de educação sexual efetivo e eficaz no desenvolvimento escolar.

A sexualidade é um conceito amplo e histórico. Ela faz parte de todo ser humano e é representada de forma diversa dependendo da cultura e do momento histórico. A sexualidade humana tem componentes biológicos, psicológicos e sociais e ela se expressa em cada ser humano de modo particular, em sua subjetividade e, em modo coletivo, em padrões sociais, que são aprendidos e apreendidos durante a socialização. Assim, as atitudes e valores, comportamentos e manifestações ligados à sexualidade que acompanham cada indivíduo desde o seu nascimento constituem os elementos básicos do processo que denominamos educação sexual. Tem um caráter não intencional e existe desde o nascimento, ocorrendo inicialmente na família e depois em outros grupos sociais. É o modo pelo qual construímos nossos valores sexuais e morais, e se constitui de discursos religiosos, midiáticos, literários etc. (MAIA; RIBEIRO, 2011, p. 75)

Então, no momento que a Educação Sexual, de um longo processo de institucionalização e legitimação do saber, surge como disciplina formal nos dias atuais da modernidade, devemos estipular objetivos, métodos, estratégias e caminhos para o desenvolvimento de tal conhecimento

No entanto, quando esta educação sexual deixa a esfera dos processos sócio-culturais amplos e abrangentes que fazem parte da história de vida dos indivíduos e da história geral da humanidade, e é transformada em objeto de ensino e orientação, com planejamento, organização, objetivos, temporalidade, metodologia e didática, ela se afunila e restringe sua ação à escola, transformando-se em uma educação sexual escolar, que exige preparação e formação de profissionais para atuar nesta área [...] A educação

sexual, de processo cultural indistinto se torna um campo de conhecimento e aplicação, com planejamento de ações, tempo e objetivos limitados, elaboração de programas e intencionalidade. (MAIA; RIBEIRO, 2011, p. 76)

Quando o a criança chega na escola, ela já chega com uma bagagem e uma carga de valores transmitidos, alguns destes valores são valores de sexualidade que já foram influenciados pela família ou grupo social primário, e pela cultura de origem. Por isso o dever da educação sexual na escola com sujeitos de idade já um pouco avançadas para a adolescência em relação a infância, não é somente orientar, informar, ensinar de acordos com modelos já antigos, mas sim proporcionar que possa haver o questionamento, o refletir, o discutir os valores singulares e coletivos, pessoais e universais, alienadores e emancipadores, todos os valores que permeiam a nossa cultura social.

Diz os autores: “Na década de 1990, a intervenção na escola visando atuar com questões sexuais era denominada Orientação Sexual, termo, aliás que acabou sendo adotado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais”. (MAIA; RIBEIRO, 2011, p. 76). E continua “Surgiu, porém, uma divergência de opinião acerca do termo mais adequado a ser utilizado: não havia unanimidade na aceitação da *Orientação Sexual*, e muitos autores preferiam utilizar *educação sexual*.”. (MAIA; RIBEIRO, 2011, p. 76). Concluindo que “Na década de 2010 surgiu um termo adicional, que é a *Educação para a Sexualidade*, que igualmente não encontrou a unanimidade desejada.” (MAIA; RIBEIRO, 2011, p. 76)

Partimos, portanto, do princípio que a educação sexual na escola deve ser um processo intencional, planejado e organizado que vise proporcionar ao aluno uma formação que envolva conhecimento, reflexão e questionamento; mudança de atitudes, concepções e valores; produção e desenvolvimento de uma cidadania ativa; e instrumentalização para o combate à homofobia e à discriminação de gênero. A intervenção sempre deverá ser feita por profissionais formados e capacitados nessa área e o trabalho planejado e sistematizado, com tempo e objetivo limitados, com ações que possibilitem informar, debater e refletir sobre questões da sexualidade com os educandos. Defendemos aqui uma iniciativa de educação sexual que vá além da informação, que ultrapasse o sentido biológico, orgânico e profilático, e que compreenda a sexualidade e a saúde sexual como uma questão inerentemente social e política. (MAIA; RIBEIRO, 2011, p. 77)

Em nossa realidade a sexualidade é algo banalizado pela sociedade no senso comum, algo que se conversa somente em lugar informal, que é assunto “escondido” das nossas vistas e quando sai na capa de jornal é porque deve ser julgado, desmoralizado, crucificado e tudo de ruim, menos refletido sobre o assunto. Assim o lugar principal da Educação para com a Sexualidade é na Escola, assim como a Escola ensina outras facetas da vida, do conhecimento

e do desenvolvimento de nossa Identidade, a Sexualidade também deve ser preconizada neste período e espaço, o escolar.

Embora a educação sexual possa ser realizada em diferentes instituições, como ambulatórios e postos de saúde, sindicatos, fábricas, universidades, consideramos que a escola é o espaço mais propício para realizá-la, primeiro porque se começa a frequentar a escola já com seis anos de idade, e, idealmente, espera-se que o indivíduo nela permaneça até os dezoito anos, quando termina o Ensino Médio. Segundo porque a escola tem por função social a transmissão do saber historicamente acumulado e de sua dimensão ético-política. É na escola que se espera que os educandos aprendam a questionar, refletir e se posicionar sobre atitudes relacionadas à sociedade, à cidadania, aos direitos humanos, à preservação do meio ambiente; é na escola que se espera que os indivíduos aprendam a adotar práticas preventivas visando à constituição de cidadãos críticos e autônomos, o que inclui uma educação sexual emancipatória. Desta forma, questões de relevância social (como a igualdade de gênero e o combate à homofobia) nela devem ser inseridas e tratadas de maneira crítica e reflexiva, constituindo elementos essenciais de um programa de educação sexual. (MAIA; RIBEIRO, 2011, p. 78)

A ampliação da discussão da educação sexual já está presente nos Planos Curriculares Nacionais, a missão agora é ampliar e disseminar esta luta pela educação sexual em toda nossa sociedade contemporânea.

No Brasil, a educação sexual na escola já faz parte de pelo menos um documento nacional desde 1996: os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que se configuram por um conjunto de propostas educativas, publicadas pelo Ministério da Educação e do Desporto em 1997, que visam trabalhar temas sociais de modo transversal nas disciplinas curriculares diversas. Os temas são: ética, saúde, meio-ambiente, orientação sexual e pluralidade cultural. A discussão sobre sexualidade está prevista no volume 10 – *Pluralidade Cultural e Orientação Sexual* (Brasil, 2000). Os PCN não são adotados obrigatoriamente em todos os estados brasileiros, mas é um grande avanço pensar que um plano nacional de educação reconhece o direito à educação sexual de todos os alunos. (MAIA; RIBEIRO, 2011, p. 78)

Mas a tarefa é árdua pois há muito o que se rever nesta área, na temática e didática de seu ensino, desconstruindo algumas questões e construindo outras, como a concepção de universalidade e singularidade por exemplo.

A educação sexual nas escolas deve fundamentar-se em uma concepção pluralista da sexualidade, ou seja, no reconhecimento da multiplicidade de comportamentos sexuais e de valores a eles associados. É preciso considerar cada indivíduo em sua singularidade e inserção cultural, e partir da idéia que não há uma verdade absoluta sobre as concepções, atitudes e práticas de como viver a sexualidade. (MAIA; RIBEIRO, 2011, p. 78)

O caminho pela desconstrução de estereótipos sexuais e da discriminação sexual por exemplo, é um dos caminhos para proporcionar que a cultura sexual venha a ser discutida e refletida na escola com objetivos e metas de educação.

Uma educação sexual adequada deveria fornecer informações e organizar um espaço onde se realizariam reflexões e questionamentos sobre a sexualidade. Deveria esclarecer sobre os mecanismos sutis de repressão sexual a que estamos submetidos e sobre a condição histórico-social em que a sexualidade se desenvolve. Deveria também ajudar as pessoas a ter uma visão positiva da sexualidade, a desenvolver uma comunicação mais clara nas relações interpessoais, a elaborar seus próprios valores a partir de um pensamento crítico, a compreender melhor seus comportamentos e o dos outros e a tomar decisões responsáveis a respeito de sua vida sexual. Acreditamos que essa postura crítica é fundamental para a formação de atitudes preventivas e saudáveis sobre a sexualidade. (MAIA; RIBEIRO, 2011, p. 78)

A educação sexual é um assunto onde deve ser dada a devida importância, para o direito que toda pessoa tem de ter sobre o conhecimento da sexualidade, informações sobre a educação sexual como um todo, as questões biológicas e fisiológicas, históricas e políticas, os relacionamentos sociais e culturais, as questões mentais e psicológicas, todos estes aspectos devem ser trabalhados em um espaço escolar.

Assim a escola segundo os autores:

Deveria fornecer informações e promover discussões acerca de diferentes temáticas, considerando a sexualidade nas suas várias dimensões, articulando-se, portanto, a um projeto educativo que exerça uma ação ligada à vida, à saúde e ao bem estar de cada indivíduo. A educação sexual na escola respeita e problematiza o direito de cada cidadão viver seus valores morais, sem perder de vista o cuidado e o respeito de si mesmo e dos demais. Uma educação sexual no espaço escolar deveria, sobretudo, ir além da mera informação, atuando de forma a garantir uma transformação no processo de educação de modo abrangente. (MAIA; RIBEIRO, 2011, p. 78)

Diante disso, a formação do educador é fundamental. Cada vez mais se torna necessário que o professor receba formação para atuar em processos de educação sexual seja na sua formação acadêmica ou em projetos de educação continuada. Para que os professores possam compreender a manifestação da sexualidade de seus alunos e educá-los em relação a isso é preciso que tenham clareza tanto da abordagem histórica e cultural sobre a construção da sexualidade quanto da compreensão científica do desenvolvimento psicosssexual. (MAIA; RIBEIRO, 2011, p. 80)

A formação é fundamental para possibilitar recursos para lidar com as diversidades culturais e históricas, ter respaldo para lidar com situações de conflitos extremos, exigindo a real compreensão de um especialista. Pois este deve estar pronto para enfrentar, paradigmas massificados, tabus, discriminação, opressão, abuso, machismo, e outros tantos conflitos da sexualidade em relação a sociedade.

Alguns tópicos defendidos pelos autores, sobre este aspecto da implantação de um programa efetivo de educação sexual e a formação do educador sexual são:

O planejamento de um programa de educação sexual deve obter, primeiramente, aceitação e colaboração de todos agentes educativos que atuam com o grupo que irá participar do programa; no momento anterior à implementação de um programa de educação sexual em uma escola, deve-se desenvolver debates e discussões com todos os envolvidos: diretores, professores, técnicos, funcionários etc. Os pais dos jovens devem ser consultados e, se possível, participarem dos debates e discussões (integração família-escola); Os objetivos do programa devem ser abrangentes, isto é, corresponder às demandas da comunidade e não exclusivamente à vontade do educador; Para que o educador possa lidar com as questões de forma ‘natural’, qualquer que seja a área de sua disciplina, ele precisa estar interessado no tema, sentir-se bem para falar de sexualidade e ter uma atitude positiva e sadia em relação a ela; O educador deve estar tecnicamente capacitado, isto é, provido de informações científicas atualizadas provenientes de fontes fidedignas; quando o assunto for polêmico ou muito específico o educador pode – e deve – recorrer a um especialista (médico, biólogo, sexólogo) para falar do assunto. O educador deve usar vários recursos, especialmente aqueles mais adequados à população dos educandos: vídeo, dramatizações, dinâmicas, recortes de jornal, projeção de slides, fantoches, massa de modelar, bonecos, etc. O grupo interessado deve sentir-se co-responsável pelo programa, o que favorece uma maior interação, participação e apreensão dos temas abordados (MAIA; RIBEIRO, 2011, p. 80)

Além das questões preventivas como a relação da sexualidade com a saúde e a circunstância reprodutiva/biológica, nas discussões e temáticas também devem ser incluídas as questões ligadas as relações sociais, cidadania, direitos humanos e ética.

Os direitos sexuais podem ser resumidos nos seguintes pontos: direito à liberdade sexual, à autonomia sexual, integridade sexual e segurança do corpo, à privacidade sexual, à liberdade sexual, ao prazer sexual, à expressão sexual, à livre associação sexual, a escolhas reprodutivas livres e responsáveis, à **informação baseada no conhecimento científico, à educação sexual compreensiva e à saúde sexual** (grifo nosso). Baseados nesses direitos, defendemos a educação sexual na escola como uma prerrogativa fundamental visando ao atendimento global e íntegro do ser humano em formação. (MAIA; RIBEIRO, 2011, p. 81)

## Considerações finais

Finalizando nosso tour sobre a sexualidade, passamos pelos momentos mais importantes e marcantes, e as grandes lutas e trabalhos que nos levam a proporcionar a possibilidade de expandir a consciência sexual e a consciência sobre a sexualidade como educação.

Neste artigo já citado acima: “Educação Sexual, Princípios Para a Ação”, os autores nos trazem algumas possibilidades de atuação, metas e funções que exponho para a discussão e serão explicitadas abaixo.

Diante do exposto, as metas para garantir uma educação sexual crítica e emancipatória nas escolas são: 1) a formação continuada de professores e professoras e agentes escolares dispostos a trabalhar com educação sexual em suas disciplinas. Esses cursos de formação não devem ser pontuais, mas sim amplos, formativos e com continuidade; 2) a parceria das escolas com a universidade e com os estudiosos em sexualidade e educação sexual buscando a formação especializada e a cooperação mútua das pesquisas com a extensão; 3) a incorporação e reconhecimento por parte das escolas de que a educação sexual integra-se ao projeto político e pedagógico reduzindo a vulnerabilidade de crianças e jovens e promovendo a saúde sexual e a convivência, com respeito à diversidade sexual; 4) a reflexão crítica sobre os materiais pedagógicos utilizados nas escolas, como livros, cartilhas, figuras e textos de modo que esses instrumentos pedagógicos não reproduzam a discriminação, os preconceitos sexuais, e a imposição de valores morais conservadores 5) a garantia de que as escolas públicas são laicas e crenças religiosas não devem ser atreladas ao trabalho educativo do professor e da professora; ao mesmo tempo, uma vez se trabalhando com a educação sexual intencional, a garantia de respeito aos valores da família, religiosos e morais, ensinando e promovendo a autonomia do aluno e da aluna no que se refere ao acesso a informação reflexiva; 6) ações pedagógicas que incentivem para que as escolas reconheçam a sexualidade como um aspecto essencial do ser humano e promovam o debate constante entre os alunos e alunas, seus familiares, agentes escolares e a comunidade. (MAIA; RIBEIRO, 2011, p. 82)

A cidadania e direitos humanos são elementos constitutivos de um processo de educação, assim também como um processo de educação sexual, sem estes elementos o processo não se dá por completo, a conscientização e a educação devem sempre estar alinhadas ao desenvolvimento dos aspectos coletivos de um cidadão e ser social, que conhece e respeita os direitos humanos em sua sociedade.

Não é mais possível esconder que crianças, adolescentes e jovens tem um comportamento sexual ativo que necessita de orientação. No entanto, não no sentido moral e repressor, mas em sua dimensão de vida de relação entre os sexos, de vida social e afetiva, e de crescimento pessoal. Uma educação sexual em que se possa tanto debater e questionar tabus e preconceitos quanto incorporar conhecimentos de anatomia e fisiologia sexual ao mesmo tempo em que se lida com a ansiedade, o medo e a culpa e discute sobre diversidade sexual, igualdade de gênero e corpo. (RIBEIRO, 2013, p. 12)

A importância de formar profissionais conscientes e capacitados na educação sexual, está para além do conhecimento técnico e teórico da especificidade da temática, a importância desta formação profissional se dá também e em grande parte neste desenvolvimento da ética e cidadania no próximo.

Ao tratar dos diversos assuntos de sexualidade, se deve adotar um posicionamento ético para o trabalho com o qual todos devem estar de acordo: respeito a si próprio e ao outro. Esse posicionamento se contrapõe a um julgamento moral com atitudes normativas, de “certo e errado”, “normal e patológico”. Neste sentido é preciso estar aberto para questionamentos e predispostos a mudanças, a escutar o outro, ser ético, respeitoso, ter coragem de ousar, reconhecendo seus limites. Esta experiência traz aprendizado e crescimento pessoal. E finalmente, a formação em educação sexual deve também levar em conta que a inclusão social somente será completa se dela fizer parte a inclusão sexual. (RIBEIRO, 2013, p. 13)

Por isso é de extrema relevância e fundamental que a formação da educação sexual chegue aos professores, e que eles utilizem ela a fins de educar a cidadania dos novos jovens, que suscitem neles a reflexão e o combate à discriminação, violência sexual simbólica e física, estigmas, reprodução de interações sociais opressoras, e reforçadoras de modelos e paradigmas machistas e patriarcais, tabus, culpas e preconceitos.

## REFERÊNCIAS

BEDIN, R. C. **A História do Núcleo de Estudos da Sexualidade e sua Participação na Trajetória do Conhecimento Sexual na UNESP**. 2016. 154f. (Tese de Doutorado em Educação Escolar). Araraquara: Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

BEDIN, R. C.; MUZZETI; RIBEIRO, P. R. M. Sexo, sociedade e educação sexual no Brasil a partir de um estudo bibliográfico. In: MARTIN, S. A. F.; GUIBU, G. Y. (Orgs.) **Educação em Saúde: formação para atenção às vulnerabilidades de crianças, adolescentes e jovens em espaços educacionais**. Presidente Prudente: Prefeitura Municipal, 2012.

MAIA, A. C. B.; RIBEIRO, P. R. M. Educação sexual: princípios para a ação. **DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação**. Araraquara. v. 15, n. 1, p. 75-84. 2011.

RIBEIRO, P. R. M. (Org.) **Sexualidade e educação: aproximações necessárias**. São Paulo: Arte & Ciência, Caps. 1 e 2. 2004.

RIBEIRO, P. R. M. A educação sexual na formação de professores: sexualidade, gênero e diversidade enquanto elementos de uma cidadania ativa. In: Rabelo, A. O.; Pereira, G. P.; Reis, A. M. de S. (Org.). **Formação Docente em Gênero e Sexualidade: entrelaçando teorias, políticas e práticas**. Petrópolis: De Petrus et Alii, p. 7-17. 2013.

RIBEIRO, P. R. M.; BEDIN, R. C. Notas preliminares sobre historiografia da educação sexual brasileira: apontamentos de uma cronologia descritiva. 1. Atitudes e comportamentos sexuais no Brasil nos documentos da inquisição dos séculos XVI e XVII. **DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, Araraquara, v. 17, n. 1 e 2, 2013, p.149-168.

### Como referenciar este artigo

GODOY, Diego Azevedo. Educação em Sexualidade no Brasil: um tour histórico e seus importantes desdobramentos para a formação do educador e desenvolvimento da área na educação escolar. **Doxa: Rev. Bras. Psico. e Educ.**, Araraquara, v. 20, n. 2, p. 272-280, jul./dez., 2018. e-ISSN: 2594-8385. DOI: 10.30715/doxa.v20i2.11893

**Submetido em:** 01/07/2018

**Aprovado em:** 11/09/2018